



INFORME-SE
Janeiro de 2019
Volume 1

“Princípios” de Uma Crise do Século XX (1929)

Especialistas invocam o nome de Franklin Delano Roosevelt que, em 1933, época em que os EUA tentavam aos poucos se reerguer após a quebra da bolsa em 1929, lançou um plano que lembra o de Paulson. Roosevelt criou uma corporação para refinarar com melhores condições de pagamento as dívidas dos mutuários inadimplentes. Essa corporação comprava as dívidas dos bancos em troca de Títulos do Tesouro. Além disso, havia uma espécie de “assistência social” na história: as famílias endividadadas recebiam consultoria financeira e todo apoio do governo para saírem da lama.

O resultado foi que, em 1951 (18 anos depois), a corporação criada por Roosevelt já havia quitado todas as hipotecas, adquirido cerca de 200 mil imóveis (que foram revendidos a terceiros) e fechou as portas, com uma pequena margem de lucro nos cofres.

A Crise Econômica Mundial

Entenda a Crise dos Estados Unidos

Crise dos Subprimes. Esse é o nome da nova crise financeira dos Estados Unidos que anda abalando o mundo. Com tantos termos do vocabulário econômico, tanta manchete e pouca explicação, fica difícil entender o que realmente está acontecendo, né? Quem está se preparando pro Vestibular (que já está aí) tem de estar afiado nesse assunto. Então, vamos tentar entendê-lo?

Como começaram

No começo deste século (meados de 2001 e 2002) o mercado imobiliário dos Estados Unidos entrou em expansão. Comprar casas passou a ser objetivo de quem queria, além do imóvel próprio, fazer algum investimento (comprava-se barato, revendia-se mais caro, tudo com dinheiro de empréstimos). Tudo isso depois que o Federal Reserve (Fed, o Banco Central americano) passou a diminuir os juros e incentivar empréstimos e financiamentos, para fazer consumidores e empresas

circulando, mais liquidez no mercado, maior é a especulação financeira mundial. Essas coisas da globalização. A partir de então, o crédito começou a rolar solto. Empresas hipotecárias, bancos e financeiras começaram a emprestar e financiar cada vez mais.

Qualquer um poderia retirar um empréstimo ou financiar um imóvel. Surgiram os chamados “subprimes”, os clientes de um segmento de renda mais baixa. Esse segmento é constituído também de mutuários (as pessoas que retiram os empréstimos) que não conseguiam facilmente comprovar renda e/ou tinham algum histórico de inadimplência (quando o cliente não cumpre o contrato ou, simplesmente, não paga o que deve). Mas o mercado estava tão empolgado com tanto gasto dos americanos que bancos e outras instituições financeiras começaram

a adquirir das hipotecárias os créditos “podres”, ou seja, os créditos dos subprimes. Eles eram misturados a créditos de clientes “primes” (os que tinham nome limpo e crédito na praça) e passados adiante. Desta forma, cada vez mais empréstimos eram feitos (e incentivados), para que seus créditos fossem vendidos. Simples especulação. A crise começou a pipocar quando os tais subprimes mostraram suas condições: simplesmente não pagaram seus empréstimos. Para alguns o prejuízo foi perder suas casas (em ações de “foreclose”, o despejo) e, para muitos outros, acordar em um mar de dívidas. E, como eles eram a fonte inicial do dinheiro, a empresa que lhe emprestou o dinheiro e as outras que adquiriram seu crédito “podre”, saíram no prejuízo também, ou seja, ninguém recebeu.

INFOGRÁFICO



INFORME-SE



Uma “bola-de-neve”! Depois de uma alta até 2006, o preço dos imóveis começou a cair e os juros altos afastaram novas possibilidades de crédito. Como a oferta passou a ser maior que a procura, o mercado imobiliário dos EUA ficou cada vez mais desvalorizado. Então, um novo cenário começou a surgir depois da expansão imobiliária: o trancamento do crédito nos Estados Unidos. O dinheiro em circulação diminuiu, bancos e financeiras começaram a ser vendidos e muitos até anunciaram falência. Foi a partir dessa situação que o governo norte-americano resolveu intervir

e ajudar os bancos e hipotecárias financeiramente.

Pacotes

O governo então começou a injetar grana no mercado, por meio de incentivos às instituições à população. A situação é tão grave que o presidente Bush, representantes republicanos e democratas (incluindo os presidenciais John McCain e Barack Obama) e a cúpula do governo norte-americano reuniram-se para tentar chegar a um valor, um pacote de ajuda às instituições bancárias, para evitar novas quebras.

O secretário do Tesouro, Hank Paulson, sugeriu então um pacote

de ajuda de US\$ 700 bilhões. O pacote Paulson, porém, previa ajuda aos bancos e hipotecárias, não aos mutuários. É claro que as instituições financeiras, após receberem ajuda do governo, teriam de se comprometer em retribuir o “empurrão” em épocas de vacas gordas. O Senado e a Câmara aprovaram o pacote após negociações anteriores.

A grande diferença entre o plano Paulson e o de Roosevelt (1932) é uma só: o foco. Enquanto o mais antigo priorizava a população, o mais recente tenta salvar os bancos milionários da falência.

Hugo Chávez, Marx e o 'Bolivarismo' do século XXI

O começo do século XXI testemunhou um ressurgimento do nacionalismo populista burguês em grande parte da América Latina. De certa forma, este desenvolvimento do nacionalismo compartilha de características comuns com o que foi visto no século anterior em figuras como Juan Domingo Perón na Argentina, Getúlio Vargas no Brasil ou de Lázaro Cárdenas no México.

As eleições do presidente Hugo Chávez na Venezuela—o qual está caminhando para um mandato vitalício—e Evo Morales na Bolívia, o retorno do ex-líder sandinista Daniel Ortega para a presidência da Nicarágua, bem como a eleição de Rafael Correa no Equador, foram todas acompanhadas da retórica nacionalista para reverter o brutal e sangrento período de desagregação das economias latino-americanas

das últimas décadas. Alguns dizem que a América Latina está realmente se movendo para a esquerda, para um novo tipo de socialismo, no entanto, em cada um destes países o domínio do capital permanece intacto.

Hugo Chávez, em particular, apresentou este movimento como uma continuação da velha cruzada de Simón Bolívar, El Libertador, quem há dois séculos dizia tentar libertar a América Latina das garras da dominação imperialista, mas que na realidade lançou as bases para a dominação imperialista durante séculos. Chávez chegou a ponto de entregar réplicas da espada de Bolívar para Morales, Correa e Ortega durante suas respectivas posses.



MERCOSUL + 1 : o Chavismo contra o Mercosul - Demétrio Magnoli

“O Mercosul, ou o reformamos e fazemos um novo Mercosul ou também se acabará. Não é um instrumento adequado para a era em que estamos vivendo. Vamos enterrar nossos mortos, irmãos.” Foi com essas palavras agourentas que o presidente venezuelano Hugo Chávez saudou os chefes de Estado do Mercosul na reunião em que a Venezuela inaugurou sua participação como membro pleno do Mercosul. O ingresso da Venezuela no Mercosul resultou de um processo *sui generis*, no qual o novo integrante foi admitido como “membro pleno” antes, e não depois, da sua adaptação às regras da união aduaneira. A decisão política de admitir a Venezuela nessas condições excepcionais reflete as novas orientações da política exterior brasileira. Mesmo assim, o presidente Lula da Silva reagiu com surpresa e contrariedade às palavras de Chávez, como se intuisse o conflito de fundo entre essas novas orientações e os interesses nacionais permanentes. A inusitada saudação chavista, em aberta ruptura com os padrões diplomáticos, guardava coerência com a orientação de política externa da Venezuela.

Do ponto de vista do chavismo, como doutrina política, o Mercosul é um estorvo – ou, mais precisamente, uma relíquia institucional. Ele deve desaparecer para dar lugar a um bloco geopolítico “bolivariano”, de âmbito latino-americano, cuja liderança pertence à Venezuela. Do ponto de vista da tradição de política externa do Brasil, porém, o cenário é totalmente distinto. O Mercosul, antes de ser uma construção comercial, materializa um projeto estratégico: a aliança com a Argentina. Essa aliança, por sua vez, funciona como alicerce para a integração sul-americana. A conclamação chavista a “reinventar” o Mercosul num sentido essencialmente distinto do projeto original está em conflito com os fundamentos da orientação externa brasileira. O desenvolvimento e expansão desse conflito marcarão, nos próximos anos, as relações internacionais no sistema de Estados da América Latina.